

CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ROMÂNICAS: DO LATIM *HABĒRE* E *TENĒRE* ÀS FORMAS CONTEMPORÂNEAS NO PE, NO PB, NO ITALIANO E NO NAPOLITANO

ROMANCE CONVERGENCES AND DIVERGENCES: FROM LATIN
HABĒRE AND *TENĒRE* TO CONTEMPORARY FORMS IN PE, PB,
ITALIAN AND NEAPOLITAN

Cynthia Vilaça*
cynthiavilaca@gmail.com

Ao tratar de divergências e convergências linguísticas na România, o romanista alemão Harri Meier (1948) defendeu que as evoluções divergentes do latim na România derivariam da divisão dialetal dessa língua já na península Itálica. No que diz respeito às relações linguísticas entre as penínsulas Itálica e Ibérica, o autor sugere que a substituição dos continuadores do verbo latino *habēre*, em uma parte maior ou menor de suas funções, pelos do verbo *tenēre* no português e no espanhol teria uma analogia em dialetos da Itália meridional, especialmente nos agrupados sob o rótulo de napolitano. Partindo, pois, dessa hipótese, investigaram-se de forma comparativa os usos dos verbos *habēre* e *tenēre* no latim clássico e de seus continuadores nas variedades contemporâneas do português (europeu e brasileiro), do italiano padrão e do napolitano. Essa investigação teve como objetivo identificar possíveis motivações de natureza semântica para as convergências e divergências entre o latim e as variedades neolatinas citadas com relação ao uso dos verbos em questão. A pesquisa foi realizada com base em textos escritos, datados, literários, em prosa e de tipo narrativo.

Palavras-chave: mudança linguística; línguas românicas; relações léxico-semânticas

In addressing the linguistic divergences and convergences in Romania, the German Romanist Harri Meier (1948) argued that the divergent developments of Latin in Romania would derive from the dialectal division of that language already in the Italian peninsula. As regards the linguistic relations between the Italic and Iberian peninsulas, the author suggests that the substitution of the continuers of the Latin verb *habēre*, in a greater or lesser part of their functions, by the verb *tenēre* in Portuguese and Spanish would have an analogy in dialects of southern Italy, especially those

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

grouped under the label of Neapolitan. Based on this hypothesis, the uses of the verbs *habēre* and *tenēre* in classical Latin and their continuers in the contemporary varieties of Portuguese (European and Brazilian), standard Italian and Neapolitan were investigated in a comparative way. This research aimed to identify possible semantic motivations for the convergences and divergences between Latin and the neolatine varieties cited in relation to the use of the verbs in question. The research was carried out based on written, dated, literary, prose and narrative texts.

Keywords: linguistic change; Romance languages; lexical-semantic relations

*

1. Introdução

Considerem-se os seguintes dados do português e do italiano, retirados de romances contemporâneos:

- (1) Esse pobre diabo não **tem** remédio possível (...). (Saramago 2005, p. 11);
- (2) Sua vinda provocou uma sensação que cinco meses depois todos já **tinham esquecido**, se é isso que você quer saber. (Carvalho 2006, p. 3);
- (3) Cristiano **aveva** una scala di cinque stelle per stabilire l'incazzatura di suo padre. [‘Cristiano tinha uma escala de cinco estrelas para definir a fúria de seu pai.’] (Ammaniti, 2006, p. 3);
- (4) “**Hanno aperto** nuove officine a Varrano. Sembrano delle fabbriche. Qui non ci viene più nessuno... L’offerta è buona.” [‘ “Abriram novas oficinas em Varrano. Parecem fábricas. Aqui não vem mais ninguém... A oferta é boa” ’] (Ammaniti 2006, p. 11).

Em primeiro lugar, nota-se a diferença relativa à escolha lexical entre as duas línguas: a preferência do português pelo verbo *ter* (< lat. *tenēre*) em detrimento de *haver* (< lat. *habēre*), e do italiano pelo verbo *avere* (< lat. *habēre*) em prejuízo de *tenere* (< lat. *tenēre*). Em segundo lugar, percebe-se que as ocorrências do verbo *ter* em (1) e (2) possuem funções diferentes. O mesmo se pode afirmar para as ocorrências de *avere* em (3) e (4). Em (1) e (3) os verbos *ter* e *avere* são lexicais e carregam em si o traço semântico de posse. Já em (2) e (4), *ter* e *avere* são verbos gramaticais, exercem função de auxiliares de *esquecer* e *aprire* (“abrir”), respectivamente. Sob a perspectiva de Hopper e Traugott (1993), expressa na introdução do primeiro capítulo da obra *Grammaticalization*¹, *ter* e *avere* lexicais e *ter* e *avere* gramaticais

1 Nessa seção do texto, os autores tratam do verbo *go* do inglês nas funções gramatical e lexical.

constituíam caso de polissemia do ponto de vista diacrônico, e de homonímia do ponto de vista sincrônico.

No célebre manual *The Romance Languages*, a romanista Rebecca Posner (1996, p. 136) afirma que, em português coloquial, bem como em variedades dialetais do sul da Itália, *ter* teria substituído *haver* como verbo lexical (sentido de posse) e como verbo gramatical (exceto no estilo literário). Entretanto, Rohlfs (1969, p. 127) assegura que, ao contrário do que aconteceu no português, em nenhum dialeto italiano se chegou a uma total substituição de *avere* por *tenere* em construções com o particípio passado. O autor acrescenta que, nos dialetos italianos em que se pode encontrar a construção *tenere* + *particípio passado*, o aspecto não é perfectivo, mas durativo. Vejam-se os seguintes exemplos retirados de Rohlfs (1969, p. 127):

- (5) *maritimo i tè condati* ‘mio marito li **ha contati**’ [‘meu marido os **contou**’]² (sul do Lácio — Navone 8);
- (6) *teneva na funtana frabbecata, rose e viole nce teneva chiantate* ‘aveva **fabbricato** una fontana, rose e viole ci **aveva piantate**’³ [‘**tinha fabricado/fabricara** uma fonte, rosas e violetas **tinha plantado/plantara** ali’] (província de Avellino — Folkl. Ital. 1,424);
- (7) *tié magnieàtə rə jébbə* ‘**hai mangiato** gli ebbi’ [‘comeste os ébulos’] (abruçês — Conti 103);
- (8) *u ten dié* ‘egli va dicendo’ [‘ele **tem dito/anda dizendo**’] (dialeto galo-italico piemontês — Toppino, ID. 2,20).

Assim como nesses dialetos italianos, em português, o aspecto do perfeito composto não é perfectivo. No modo indicativo do português, a construção *ter* (presente) + *particípio passado* (por exemplo, *tenho escrito*) não possui as mesmas funções desempenhadas pelo perfeito composto em outras línguas e dialetos românicos (tal como o “passato prossimo”, no italiano, e o “passé composé”, no francês), mas é usado para indicar continuidade, completas ou repetidas ações em um passado recente.

No latim clássico, os verbos *habēre* e *tenēre* eram usados apenas como verbos lexicais e tinham em comum o traço semântico de posse, conforme se pode observar nas acepções elencadas a seguir:

2 As traduções para o português são minhas, assim como os grifos.

3 Rohlfs traduz a segunda ocorrência da forma *teneva* como *avevo*, o que parece um lapso do romanista.

habēō, -ēs, ēre, habŭi, habĭtum, v. tr. e intr. I — Sent. próprio: 1) Manter, manter-se. Daí: 2) Possuir, ocupar, tomar posse de, guardar. Donde: 3) Ter, haver (sent. próprio e figurado). II — Sent. figurado: 4) Tratar. 5) Ter como, considerar como, julgar, avaliar. 6) Conhecer, saber. 7) Passar (o tempo) (Faria 2003, p. 438).

tenēō, -ēs, ēre, tenŭi, tentum, v. tr. e intr. I — Sent. próprio: A) Tr.: 1) Segurar, ter. Daí: 2) Possuir, ocupar, ser senhor de, ganhar, obter, conseguir. 3) Estar imóvel, manter, parar, reter, conter, fazer parar. 4) Guardar, conservar, observar. Donde: 5) Deter no espírito, lembrar-se. II — Sent. figurado: 6) Compreender, saber, perceber. 7) Cativar, encantar, seduzir. 8) Abrigar, sujeitar, prender. B) Intr.: Na língua militar: 9) Manter uma posição. Daí: 10) Dirigir, chegar. Na língua náutica: 11) Manter-se numa direção, singrar para; 12) Durar, subsistir, persistir (Faria 2003, p. 989)⁴.

Embora a interseção semântica entre *habēre* e *tenēre* seja evidente, Mattos e Silva (1992, p. 92) lembra que o verbo básico para a expressão da posse no latim era *habēre*, cuja primeira acepção teria sido “ter em sua posse”, “guardar” e, posteriormente, entre os usos figurados, “ter na mão”; já a acepção básica do verbo *tenēre* teria sido “ter algo na mão”, “obter”, seguida pelas secundárias “manter”, “reter” etc. Todavia, os continuadores de *habēre* e *tenēre* no português e no italiano padrão contemporâneos não mais concorrem entre si em estruturas possessivas. No português, o verbo *haver* perdeu o traço semântico de posse, cedendo o seu espaço para o verbo *ter*; no italiano padrão, o verbo *avere* conservou o referido traço semântico, enquanto *tenere* é usado prevalentemente com os significados de “manter” e “ter algo na mão” (“segurar”).

No latim vulgar, caracterizado por uma morfologia verbal mais simples em relação ao latim clássico, o número reduzido de seus traços flexionais teria favorecido o desenvolvimento do emprego de *habēre* e *tenēre* como verbos gramaticais, componentes de perífrases utilizadas para expressar características da ação verbal. Usava-se, por exemplo, *infinitivo + presente de habēre* (lat. *dormire habēo* > port. *dormirei*, it. *dormirò*) no lugar da forma simples de futuro do presente (lat. *dormiam*), e *presente de habēre + particípio passado* (lat. *habēt cantatum* > it. *ha cantato*, fr. *a chanté*, esp. *ha cantado*) ao lado da forma simples de pretérito perfeito (*cantāuit* > it. *cantò*, fr. *chanta*, esp. *cantó*, port. *cantou*). Geralmente, essas perífrases eram compostas com *habēre*. Em

⁴ Na transcrição dos verbetes do Dicionário Latino-Português, de Faria (2003), foram excluídas as indicações de abonações, registradas nessa obra por meio de siglas referentes a autores e obras citados.

alguns domínios românicos, porém, este verbo teria sido preterido em favor de *tenēre* em vários de seus usos como verbo lexical e também como verbo gramatical: este seria o caso do português e de alguns dialetos piemonteses e do sul da Itália (cf. Rohlfs 1969, p. 127).

Mattos e Silva (1994, p. 264) afirma que, no português arcaico (assim como no latim), *haver* era, no princípio, o verbo típico nas estruturas de posse. Contudo, no decurso da história do português, *ter* passou a substituir *haver* não apenas em estruturas possessivas como também em outras de suas acepções e funções. Com o intuito de propor um caminho para as mudanças sintático-semânticas dos verbos *haver* e *ter* no português, Mattos e Silva (1992) investigou o uso desses verbos em estruturas de posse do português arcaico (sécs. XIV e XV, especificamente) e atestou que a variação na escolha de um ou outro estava condicionada à natureza semântica do complemento do verbo (objeto possuído), para o qual definiu três tipos semânticos: (i) QI = qualidades inerentes, não transferíveis, tais como características ou estados físicos do possuidor, sujeito da frase; (ii) AI = qualidades adquiríveis imateriais: morais, espirituais, intelectuais, afetivas, sociais; (iii) AM = objetos materiais adquiríveis, externos ao possuidor. Conforme Mattos e Silva (1992, pp. 90-91), os dados encontrados para o séc. XIV revelaram: a ocorrência exclusiva de *haver* nos contextos do tipo QI; a variação de *haver* e *ter* nos dos tipos AI e AM, com predomínio de *haver* para AI e de *ter* para AM. Nos dados coletados de *corpus* datável entre 1410 e 1420, a situação é análoga à do séc. XIV; já em texto escrito entre 1418 e 1442, *haver* e *ter* variavam nos três tipos semânticos, mas sempre com predomínio do primeiro sobre o segundo. Por fim, em texto de 1468-1477, a variação entre os dois verbos permanece, porém, com o predomínio de *ter* sobre *haver* nos três tipos semânticos de complemento. A partir desse estudo, a autora concluiu que a difusão de *ter*, que excluiria *haver* das estruturas de posse, partiu dos contextos de tipo AM para os de AI e, finalmente, chegou aos de tipo QI.

Segundo Mattos e Silva (1992, p. 92), “(...) essa mudança [nos usos de *ter* e *haver*] que se processava no período arcaico já vinha prefigurada ou ‘encaixada’ na estrutura latina e se definiu pelos caminhos traçados desde as origens históricas do português.” Entretanto, se de fato já haveria uma prefiguração de tal mudança no latim, por que ela teria se implementado no português, mas não no italiano e no francês, por exemplo? Além desta, permanece outra questão fundamental a respeito dos continuadores de *habēre* e *tenēre* nas variedades neolatinas: por que os falantes de determinada

comunidade teriam aberto mão de codificar diferentemente valores semânticos diferentes? A codificação com diferença atende ao princípio da isomorfia: as formas são diferentes porque exprimem significados diferentes. Sendo assim, o que terá tido força o suficiente para transgredir o princípio da isomorfia? Provavelmente as respostas possíveis para essas questões serão encontradas em outros fatores linguísticos e também em fatores de caráter social e histórico. Quiçá a rara necessidade de se fazer referência a significados próprios de *haver* ou *ter* no cotidiano de determinada comunidade tenha motivado ou favorecido a violação do citado princípio: se, por exemplo, uma comunidade trata mais de troca (posse alienável), o uso de *ter* (prototipicamente para posse alienável) seria mais frequente.

Enfim, as explicações oferecidas para as divergências e convergências percebidas na evolução das variedades linguísticas advindas do latim vulgar, como as que aqui se discutem em relação aos usos das formas neolatinas continuadoras de *habēre* e *tenēre*, costumam se basear não apenas em fatores internos ao sistema linguístico, mas também em fatores históricos, geográficos, políticos e sociais. Há autores, como Gustav Gröber, que buscaram explicações na diferença cronológica da colonização romana de cada província; outros, como Clemente Merlo, na diferença das línguas de substrato; outros ainda, como Walter von Wartburg, na influência das línguas de superestrato; e alguns, como Carlo Tagliavini, na influência concomitante desses três fatores (cf. Tagliavini 1993, pp. 364-365).

Neste texto, deseja-se evidenciar a singularidade da opinião do romanista alemão Meier (1905-1990) a respeito das ditas divergências e convergências linguísticas na România. Em ensaio intitulado “A formação da língua portuguesa”, publicado pela primeira vez como suplemento da *Revista de Portugal* (1948), Meier defende que as evoluções divergentes do latim na România derivariam da divisão dialetal dessa língua já na península Itálica. De acordo com Meier (1974, p. 10), “(...) a ideia dum Latim vulgar homogêneo fora uma abstração unilateral da Gramática histórica, apenas explicável pelo propósito de reduzir a família românica a uma única fonte comum”. Pouco adiante, o autor reforça sua hipótese, afirmando que “(...) os ricos materiais do Atlas Linguístico ítalo-suíço de Jaberg e Jud⁵ e uma série de estudos comparativos

5 O autor se refere ao *Sprach-und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* (1928-1940), mais conhecido como A.I.S. (Atlante Italo-Svizzero).

tornam evidentes relações que a gramática histórica das Línguas românicas nacionais não viu ou não podia apreciar suficientemente” (Meier 1974, p. 11).

Ao tratar de relações linguísticas entre as penínsulas Itálica e Ibérica, Meier (1974, p. 12) sugere que a substituição dos continuadores do verbo latino *habēre*, em uma parte maior ou menor de suas funções, pelos do verbo *tenēre* no português e no espanhol teria uma analogia em dialetos da Itália meridional. A esse respeito, o autor reporta o trabalho de Eva Seifert (1935)⁶, de onde garante ter copiado o seguinte mapa de distribuição do emprego de *avere* e *tenere* lexicais na porção meridional da península Itálica:

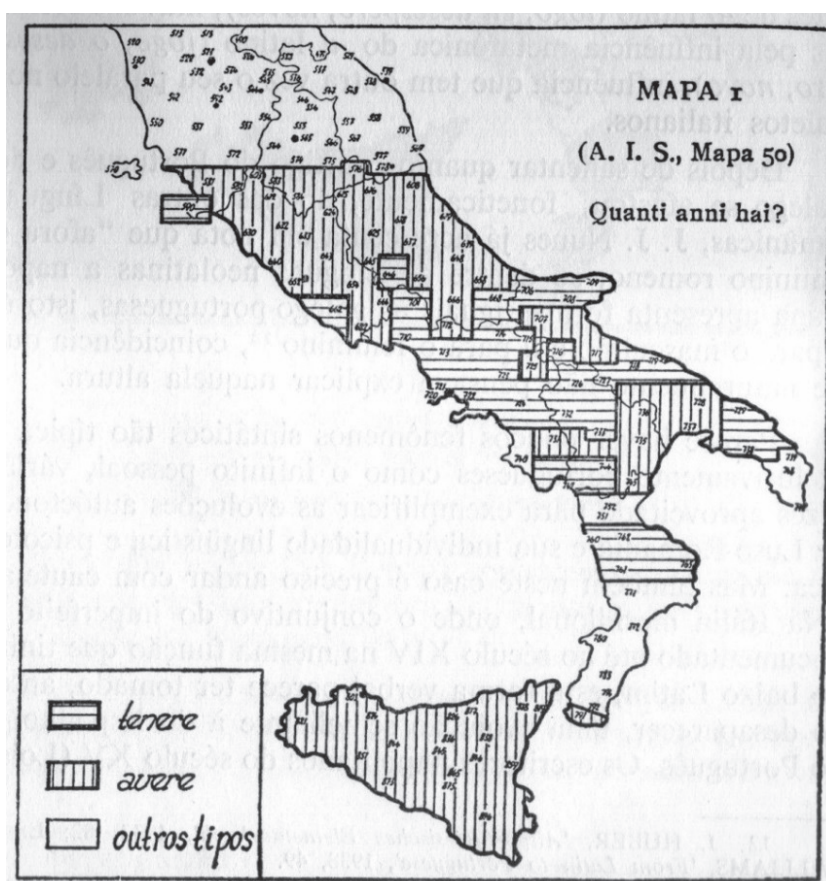


Figura 1. Distribuição de *avere* e *tenere* lexicais na Itália meridional

Fonte: Seifert (*apud* Meier 1974, p. 13).

Nota: A anotação entre parênteses no lado superior direito desta figura parece indicar que a fonte original deste mapa terá sido o A. I. S. (Atlante Italo-Svizzero).

6 Seifert, E. (1935). *Tenere "haben" im Romanischen*. Firenze: L. S. Olschki.

Observe-se que esse mapa foi elaborado a partir de respostas à pergunta *Quanti anni hai?* (“Quantos anos você tem?”); logo, ele representa as preferências por *avere* ou *tenere* lexicais em estrutura de posse relacionada ao complemento verbal *anni* (“anos”). Em oposição ao italiano padrão — variedade linguística na qual há preferência por *avere* em relação a *tenere*, seja em estruturas de posse, seja como verbo gramatical —, no mapa aqui reproduzido, nota-se uma prevalência quase absoluta de *tenere* em estrutura de posse na Campânia, e parcial no sul do Lácio, em Molise, no Abruzzo, na Apúlia, na Calábria e na Basilicata. Essas localidades correspondem aos territórios historicamente unidos em torno de Nápoles na época do Reino de Nápoles (1282-1816) e do Reino das Duas Sicílias⁷ (1816-1861). A “língua nacional” do Reino de Nápoles era o napolitano, ao passo que a do Reino da Sicília era o siciliano. Por esse motivo, ainda modernamente, apesar de cada uma das referidas localidades onde se usa *tenere* em estruturas possessivas conservar seus próprios dialetos (com diferentes graus de semelhança entre si), todos eles costumam ser agrupados sob o rótulo de “napolitano”, variedade neolatina considerada como língua por alguns e como dialeto por outros.

De acordo com Meier (1974, p. 12), Eva Seifert teria estudado separadamente o fenômeno de substituição dos continuadores de *habēre* pelos de *tenēre* nas duas penínsulas (Ibérica e Itálica), mas não os teria relacionado historicamente. Embora o autor assuma a possibilidade de esse fenômeno ter se desenvolvido de forma independente em diversas regiões — explicação que se apoiaria na comprovada predominância de *haver/avere* no período arcaico do português e do napolitano —, ele sustenta a sua hipótese do paralelismo entre as línguas hispânicas e dialetos italianos meridionais, citando uma série de coincidências entre essas variedades linguísticas nos níveis: (a) lexical [ex. emprego de **cinisia* (> port. *cinza*, esp. *ceniza*, dialeto abrucês *cinizie*, dialeto pulhês *cinisa*) em lugar de *cinis*]; (b) fônico (ex. pronúncia [-u] da vogal átona final para a qual se preferiu a grafia <-o> em português, seja esta derivada de um -o ou de um -u latinos, no português e em dialetos do sul da Itália, da Sicília, da Sardenha e da Ligúria)⁸; (c) mórfico (ex. artigos definidos do galego-português e do napolitano: *u* para o masculino e *a* para

7 Reino das Duas Sicílias foi o nome atribuído pelo rei Fernando I de Bourbon a seu reino, em 1816, após o Congresso de Viena ter suprimido o Reino de Nápoles (1282-1816) e o Reino da Sicília (1130-1816), tornando-os uma única entidade estatal.

8 Meier (1974, p. 14) questiona se esta pronúncia do português teria sua base em uma corrente de pronúncia itálica, introduzida com a romanização no oeste da península Ibérica.

o feminino); (d) sintático (ex. uso de uma espécie de infinitivo conjugado que lembra o infinitivo pessoal tão tipicamente português por escritores napolitanos do séc. XV). Entretanto, Meier (1974, p. 17) ressalta que essas comparações, por interessantes que sejam, não devem conduzir a uma tese prematura do “napolitanismo do português”⁹ ou a construir uma România Meridional (Balcãs, sul da Itália, Sardenha, oeste da Hispânia) oposta a outra setentrional, já que pouco se sabe sobre as correntes dialetais na Itália antiga e suas províncias. Além disso, há pesquisadores, como o napolitano Bracale (2010), que explicam o uso de *tenere* (*tené*) no lugar de *avere* (*avé*) em estruturas de posse no napolitano (ex. *tengo suonno, tengo famma e ssete, nu’ ttengo tiempo ’aperdere*) como um efeito do longo contato deste dialeto italiano com dialetos espanhóis (aragonês e castelhano) durante o domínio dos aragoneses (1442-1503) e dos castelhanos (1503-1707).¹⁰

Apesar das citadas controvérsias relativas ao fator que teria motivado a preferência pelos continuadores de *tenēre* em uma parte maior ou menor das funções originalmente desempenhadas pelos continuadores de *habēre* em línguas e dialetos das penínsulas Ibérica e Itálica, o estudo aqui relatado se fundamenta no pressuposto de que a motivação dessa mudança seja de natureza semântica e sócio-histórica. Entretanto, em sua primeira fase, as investigações desta pesquisa foram restringidas à questão semântica, deixando a questão sócio-histórica para outra fase.

Sendo assim, optou-se por iniciar a pesquisa com a análise dos usos de *habēre* e *tenēre* no latim clássico e compará-los com seus continuadores nas variedades contemporâneas do português (europeu e brasileiro), do italiano padrão e do napolitano. Tal análise foi feita a partir de dados extraídos de textos escritos, literários, em prosa e de tipo narrativo.

Portanto, os objetivos desta pesquisa foram: descrever, classificar, quantificar e comparar os usos de *habēre* e *tenēre* no latim clássico e os usos das formas continuadoras desses verbos no português europeu (doravante, PE), no português brasileiro (doravante, PB), no italiano padrão (doravante, italiano florentino = IF) e no napolitano (doravante, NP) contemporâneos, a partir dos dados coletados dos *corpora* selecionados.

Dispostas algumas informações acerca do fenômeno a ser pesquisado e apresentada a proposta de estudo, passa-se à exposição da metodologia

9 Expressão do próprio Meier.

10 Sobre a influência linguística advinda da presença espanhola na Itália, consultem-se também: Croce (1895) e Beccaria (1968).

empregada para o cumprimento dos objetivos estabelecidos. Serão explicitados: a caracterização dos *corpora* selecionados e os procedimentos empregados para a coleta e o tratamento dos dados.

2. Metodologia

2.1. Caracterização dos *corpora*

Para o cumprimento dos objetivos discriminados na seção anterior, elegeram-se cinco textos escritos, literários, em prosa e de tipo narrativo: um em latim clássico, um em PE, um em PB, um em IF e um em NP. O quadro a seguir apresenta uma breve caracterização dos *corpora* eleitos.

Quadro 1. Caracterização dos *corpora*

Línguas	Textos / Referências	Descrição	Datação
Latim clássico	<i>De bello Gallico</i> Autor: Caius Julius Caesar (Roma, 110 a.C — Roma, 44 a.C.) Edição de referência: Thomas Rice Holmes (Ed.) - Oxford: Clarendon Press, 1914.	Literatura latina. Relato. Narrativa histórica.	ca. 50 a.C.
	<i>As intermitências da morte</i> Autor: José Saramago (Azinhaga 1922 – Tías 2010). Edição de referência: São Paulo: Companhia Das Letras, 2005.	Literatura portuguesa. Romance. Narrativa ficcional.	2005
Português brasileiro	<i>Nove noites</i> Autor: Bernardo Carvalho (Rio de Janeiro, 1960). Edição de referência: São Paulo: Companhia das Letras, 2006.	Literatura brasileira. Romance. Narrativa híbrida (histórica e ficcional).	2006

Línguas	Textos / Referências	Descrição	Datação
Italiano florentino	<i>Come Dio comanda</i>	Literatura italiana.	2006
	Autor: Niccolò Ammaniti (Roma 1966). Edição de referência: Milano: Mondadori, 2006.	Romance. Narrativa ficcional.	
Napolitano	<i>Il vangelo di San Matteo, volgarizzato in dialetto napoletano, da un letterato della città di Napoli</i>	Bíblia.	1861
	Autor do texto: Matteo (São Mateus). Autor da tradução para o napolitano: um literato da cidade de Nápolis. Edição de referência: Londra: Strangeways & Walden, 1861.	Novo Testamento. Relato. Narrativa histórica.	

Visto que certos usos são próprios de determinados tipos e gêneros textuais e não de outros, selecionaram-se *corpora* caracterizados pela mesma natureza linguística (narração) e enquadrados em dois gêneros afins (relato e romance), com a intenção de eliminar, na análise comparativa, divergências que estariam relacionadas a esses fatores.

A opção pela modalidade escrita em forma de prosa justifica-se pela necessidade de uniformização dos *corpora* desta pesquisa, que, nesta primeira fase, inclui o latim clássico e, em outra fase, incluirá sincronias pretéritas do português para as quais também não se podem obter *corpora* na modalidade oral. A forma prosa foi escolhida por representar melhor o vernáculo do que a forma em versos.

Conforme Mattos e Silva (1994, p. 87), dentre os tipos de documentação existentes para os estudos linguísticos empíricos do português arcaico, os documentos literários em prosa são os mais ricos para uma aproximação histórica. Assim, também a preferência por documentos literários visa a uma fase futura desta pesquisa, na qual se tratará da relação entre o fenômeno linguístico (a preferência por *ter* no português e a sua expansão semântica e funcional nessa língua) e fatores sócio-históricos.

Ainda nesta seção, cabe relatar a dificuldade de se encontrar narrativas em prosa escritas em napolitano no séc. XXI (data dos demais textos românicos escolhidos). Os poucos textos localizados não estão disponíveis *on-line*. Depois de muito procurar, elegeu-se *Il vangelo di San Matteo*, do período moderno (mesma faixa de tempo dos *corpora* românicos), porque além de se adequar às características textuais pretendidas, é um texto para o qual há versões em italiano padrão e em português, o que facilita a leitura e a identificação de determinadas formas do texto em napolitano. Considerando que o trabalho aqui apresentado contou com análise de apenas duas sincronias (latim *x* línguas românicas modernas), julga-se que a assimetria de datação do texto em napolitano em relação aos demais textos românicos não comprometeu os resultados da pesquisa.

2.2. Procedimentos

1. Coleta de dados. Considerando-se o fato de que os *corpora* não possuem o mesmo tamanho, foram coletadas apenas as 100 primeiras ocorrências de *habēre* ou *tenēre* no texto em latim e das formas continuadoras desses verbos nos textos em PE, PB, IF e NP.
2. Descrição, classificação e quantificação dos usos de *habēre* e *tenēre* no latim clássico, considerando-se os dados coletados da obra *De bello Gallico*, de Julius Caesar.
3. Descrição, classificação e quantificação dos usos de *haver* e *ter* no PE e no PB contemporâneos, levando-se em conta os dados retirados das obras *As intermitências da morte* (Saramago 2005) e *Nove noites* (Carvalho 2006), respectivamente.
4. Descrição, classificação e quantificação dos usos de *avere* e *tenere* no IF contemporâneo, a partir dos dados colhidos da obra *Come Dio comanda* (Ammaniti 2006).
5. Descrição, classificação e quantificação dos usos de *avé* e *tené* no NP moderno, a partir dos dados colhidos da tradução do *Evangelho de São Mateus* para essa língua (Matteo 1861).
6. Comparação dos dados do PE, do PB, do IF e do NP com os do latim clássico, com o objetivo de se definir qual das quatro variedades neolatinas seria a mais conservadora e qual a mais inovadora no que diz respeito aos usos das formas continuadoras dos verbos latinos *habēre* e *tenēre*.

7. Comparação dos dados do PE, do PB, do IF e do NP entre si, a fim de se identificarem convergências e divergências relacionadas aos usos contemporâneos dos continuadores de *habēre* e *tenēre* nessas quatro variedades linguísticas.

3. Usos dos verbos *habēre* e *tenēre* no latim clássico

As ocorrências de *habēre* e *tenēre* coletadas de *De bello Gallico*, texto representativo do latim clássico, foram classificadas com base nas acepções arroladas por Faria (2003, p. 438 e 989) e transcritas na seção introdutória deste trabalho. Com relação ao verbo *habēre*, foram encontrados casos que se enquadram em duas acepções: uma referente ao que Faria classifica como “sentido próprio”, especificamente, (1) *possuir* (a. abstrato, b. concreto); e uma das que o dicionarista enquadra em “sentido figurado”, qual seja: (2) *ter como, considerar como, julgar, avaliar*. Já as ocorrências de *tenēre* coletadas são todas referentes ao que Faria considerou “sentido próprio”, são elas: (1) *possuir* (a. abstrato, b. concreto), *ocupar, ser senhor de*; e (2) *estar imóvel, manter, reter, conter, fazer parar*; e (3) *guardar, conservar*. Eis alguns exemplos dos usos de *habēre* e *tenēre* extraídos da versão de *De bello Gallico* usada como *corpus*:

- (9) Hic primum ortus est a tribunis militum, praefectis, reliquisque qui ex urbe amicitiae causa Caesarem secuti non magnum in re militari usum **habebant** (...) (p. 14) — *habēre* no sentido de “possuir algo abstrato”, no caso, *in re militari usum* [‘experiência na arte da guerra’];
- (10) Item Allobroges, qui trans Rhodanum vicos possessionesque **habebant** (...) (p. 8) — *habēre* no sentido de “possuir algo concreto”, no caso, *vicos possessionesque* [‘aldeias e propriedades’];
- (11) Prima luce, cum summus mons a [Lucio] Labieno **teneretur** (...) (p. 10) — *tenēre* no sentido de “ocupar” [*summus mons* ‘o cume da montanha’]; “Galliae totius factiones esse duas; harum alterius principatum **tenere** Haeduos, alterius Arvernos.” (p. 12) — *tenēre* no sentido de “possuir algo abstrato”, no caso, *principatum* [‘autoridade, governo’];
- (12) Ubi eum castris se **tenere** Caesar intellexit (...) (p. 17) — *tenēre* no sentido de “manter(-se)” [*castris* ‘nos acampamentos/lugares fortificados’];
- (13) (...) quod eas res quas legati Helvetii commemorassent memoria **teneret** (...) (p. 9) — *tenēre* no sentido de “guardar, conservar” [*memoria* ‘na memória’ *eas res quas legati Helvetii commemorassent* ‘aquelas coisas/aqueles acontecimentos que os embaixadores helvéticos tinham mencionado’].

Observem-se a classificação e a quantificação dos dados na tabela a seguir:

Tabela 1. Usos de *habēre* e *tenēre* em *De bello Gallico* (Caius Julius Caesar, ca. 50 a.C.)

Função	<i>habēre</i>		<i>tenēre</i>		Total
Gramatical	0		0		0
Lexical	1a. possuir (algo abstrato)	27	1a. <i>possuir</i> (algo abstrato)	5	100
	1b. <i>possuir</i> (algo concreto)	41	1b. <i>possuir</i> (algo concreto), <i>ocupar, ser senhor de</i>	9	
	2. <i>ter como, considerar como, julgar, avaliar</i>	3	2. <i>estar imóvel, manter, reter, conter, fazer parar</i>	10	
			guardar, conservar	5	
Total	71		29		100

Os dados da Tabela 1 conduzem às seguintes conclusões acerca dos usos dos verbos em estudo no latim clássico:

1. *habēre* e *tenēre* são usados exclusivamente como verbos lexicais, conforme pressuposto já relatado neste trabalho;
2. *habēre* é mais frequente do que *tenēre*, correspondendo a 71,0% (71/100) das ocorrências de ambos os verbos coletadas;
3. *tenēre* apresentou maior abrangência semântica do que *habēre*: as ocorrências de *tenere* foram distribuídas em três grupos e as de *habēre*, em dois;
4. as acepções mais frequentes de ambos os verbos relacionam-se à ideia de posse, presente em 95,7% (68/71) das ocorrências de *habēre* e em 48,2% (14/29) das de *tenēre*;
5. a ideia de posse alienável (“possuir algo concreto, ocupar”) é mais frequente do que a de posse não alienável: trata-se de 60,2% (41/68) das ocorrências de *habēre* e de 64,2% (9/14) das de *tenēre* agrupadas na acepção “1” (“possuir”).

Além disso, é importante notar que todas as ocorrências de *tenēre* enquadradas no grupo “1a” (“possuir algo abstrato”) se relacionam à noção de poder.

4. Usos dos verbos *haver* e *ter* no PE e no PB contemporâneos

Diferentemente dos casos do latim clássico analisados, os continuadores de *habēre* e *tenēre* no PE e no PB se apresentaram mais frequentemente em função gramatical nos textos representativos dessas duas variedades neolatinas. Vejam-se exemplos de *haver* e *ter* nessa função, retirados dos *corpora* escolhidos:

- (14) PE — (...) o estado geral da real enferma **havia experimentado** visíveis melhoras (...) (Saramago, 2005, p. 13);
- (15) PE — E depois, como se o tempo **tivesse parado**, não aconteceu nada. (Saramago, 2005, p. 12);
- (16) PB — Ele posava para o fotógrafo que o representante da agência Condor **havia contratado** para registrar o acontecimento (...) (Carvalho, 2006, p. 3);
- (17) PB — Sua vinda provocou uma sensação que cinco meses depois todos já **tinham esquecido**, se é isso que você quer saber. (Carvalho, 2006, p. 3).

Como verbo lexical, encontraram-se ocorrências de *haver* em três acepções distintas e não listadas por Faria (2003), quais sejam: (1) *existir*; (2) *acontecer* (apenas no *corpus* do PE); e (3) *ter transcorrido (tempo)* (apenas no *corpus* do PB). Também as ocorrências de *ter* em função lexical foram agrupadas em três acepções diferentes, a primeira delas registrada por Faria em relação ao latim, as demais, não. São elas: (1) *dispor de, possuir* (a. algo abstrato, b. algo concreto); (2) *ter necessidade, obrigação ou dever* (sentido da locução *ter de*); (3) *apresentar, mostrar* (apenas no *corpus* do PE).

A seguir, algumas ocorrências de *haver* como verbo lexical extraídas dos textos tomados como referência neste trabalho:

- (18) PE — Realmente, talvez não **houvesse salvação** para o coitado no dia anterior (...) (Saramago, 2005, p. 12) / PB — Não **há nada mais valioso do que a confiança de um amigo**. (Carvalho, 2006, p. 4) — sentido de “existir”, acepção mais frequente, encontrada nos textos do PE e do PB;
- (19) PE — **Houve uma nova pausa**, que o primeiro-ministro interrompeu (...) (Saramago, 2005, p. 20) — sentido de “acontecer”, acepção encontrada apenas no *corpus* do PE;
- (20) PB — **Há cinco anos**, ele me escreveu de Carolina a última carta de aniversário. (Carvalho, 2006, p. 11) — sentido de “ter transcorrido (tempo)”, acepção presente apenas no *corpus* do PB.

Finalmente, eis exemplos do uso do verbo *ter* em função lexical:

- (21) PE — Mais sorte **teria** aquela jovem repórter de televisão (...) (Saramago, 2005, p. 14) / PB — E já não **tenho** dúvidas de que era sua a resposta que ele aguardava com tanta ansiedade. (Carvalho, 2006, p. 15) — sentido de “possuir algo abstrato” (nos exemplos citados, “mais sorte” e “dúvidas”, respectivamente), acepção identificada nos textos representativos do PE e do PB;
- (22) PB — O casal já **tinha** uma filha, Marion. (Carvalho, 2006, p. 12) — sentido de “possuir algo concreto” (no caso, “uma filha”), acepção encontrada apenas no *corpus* do PB;
- (23) PE — (...) **tenho de** ir à farmácia (...) (Saramago, 2005, p. 14) / PB — No início, procurou ficar longe de casa para não **ter de** conviver com o silêncio eloqüente desses objetos (...) (Carvalho, 2006, p. 12) — acompanhado da preposição *de*, apresenta o sentido de “ter necessidade, obrigação ou dever”, acepção presente nos *corpora* do PE e do PB;
- (24) PE — (...) o que virá a **ter** como desconcertante consequência, num futuro próximo, a criação de um movimento de cidadãos (...) (Saramago, 2005, p. 15) — sentido de “apresentar, mostrar”, acepção reconhecida somente no texto representativo do PE.

Os dados referentes ao PE encontram-se classificados e quantificados na tabela seguinte:

Tabela 2. Usos de *haver* e *ter* em *As intermitências da morte* (Saramago 2005)

Função	<i>haver</i>		<i>ter</i>		Total
Gramatical	19		39		58
Lexical	1. <i>existir</i>	18	1a. <i>dispor de, possuir</i> (algo abstrato)	14	42
	2. <i>acontecer</i>	1	2. <i>ter necessidade, obrigação ou dever</i> (loc. <i>ter de</i>)	8	
			3. <i>apresentar, mostrar</i>	1	
Total	38		62		100

Com relação aos usos de *haver* e *ter* no PE, a partir dos dados da Tabela 2, é possível concluir que:

1. *ter* é usado prevalentemente em função gramatical: são 62,9% (39/62) do número total de ocorrências desse verbo;

2. *haver* é usado com a mesma frequência nas duas funções: 50,0% (19 ocorrências) em função gramatical e 50,0% (19 ocorrências) em função lexical;
3. *ter* é mais frequente do que *haver* nas duas funções, correspondendo a 62,0% (62/100) das ocorrências de ambos os verbos coletadas;
4. em função lexical, *ter* apresentou maior abrangência semântica do que *haver*: as ocorrências de *ter* foram empregadas em três acepções, as de *haver*, em duas;
5. em função lexical, *haver* é empregado prioritariamente com o sentido de “existir”: trata-se de 94,7% (18/19) das ocorrências do verbo nessa função.¹¹

A classificação e quantificação dos dados relativos ao PB estão na tabela a seguir:

Tabela 3. Usos de *haver* e *ter* em *Nove noites* (Carvalho 2006)

Função	<i>haver</i>		<i>ter</i>		Total
Gramatical	14		52		66
Lexical	1. <i>existir</i>	9	1a. <i>dispor de, possuir</i> (algo abstrato)	18	34
	2. <i>fazer</i>	1	1b. <i>possuir</i> (algo concreto)	1	
			2. <i>ter necessidade, obrigação ou dever</i> (loc. <i>ter de</i>)	5	
Total	24		76		100

Os dados apresentados na Tabela 3 permitem que se depreendam as seguintes conclusões acerca dos usos de *haver* e *ter* no PB:

1. *haver* e *ter* são usados prevalentemente em função gramatical: há 68,4% (52/76) do número total de ocorrências de *ter* e 58,3% (14/24) do total de ocorrências de *haver* nessa função;
2. *ter* é mais frequente do que *haver* nas duas funções, correspondendo a 76,0% (76/100) das ocorrências de ambos os verbos coletadas;

¹¹ Segundo Callou & Avelar (2012, p. 230), há registros de *haver* como verbo existencial desde o século XIII, mas é só a partir do século XVI que esse verbo “(...) desaparece dos contextos de posse e passa a ser usado exclusivamente com sentido existencial, ocorrendo em construções impessoais (...)”.

3. em função lexical, *haver* é empregado prioritariamente com o sentido de “existir” (como no PE): trata-se de 90,0% (9/10) das ocorrências do verbo nessa função.

4. em função lexical, *ter* é usado preferencialmente com o sentido de “possuir” e pode ter como complemento “algo concreto” ou “algo abstrato”, sendo este último mais frequente, equivalendo a 94,7% (18/19) das ocorrências do verbo com o referido sentido.

É interessante comentar a ausência de ocorrências do verbo *ter* em sentido existencial no *corpus* representativo do PB. Considerando os dados do *Atlas linguístico do Brasil* (Cardoso *et al.* 2014, v. 1, p. 177; v. 2, pp. 356-357), relativos à pesquisa em 25 capitais de estados brasileiros, na modalidade oral do PB, há preferência absoluta por *ter* em detrimento de *haver* com o referido sentido em cinco capitais (Campo Grande, Curitiba, Florianópolis, Manaus e Natal); nas demais capitais pesquisadas, *ter* é preferido em 75% dos casos. Sendo o autor do texto que serviu de *corpus* para esta pesquisa natural da cidade do Rio de Janeiro (incluída entre as capitais em que a preferência por *ter* em sentido existencial não é absoluta), é possível notar a sua atenção em relação ao uso da norma culta do português na escrita do romance *Nove noites*.

5. Usos dos verbos *avere* e *tenere* no IF contemporâneo

Assim como nas variedades do português examinadas, em IF contemporâneo, *avere*, continuador do verbo latino *habēre*, pode ser empregado em função gramatical ou lexical; já *tenere*, continuador de *tenēre*, apenas em função lexical.

O uso de *avere* como verbo gramatical, ilustrado no exemplo (4), também pode ser observado no exemplo a seguir:

- (25) Rino era andato in camera, **aveva preso** la pistola e **aveva sparato** contro la serratura. [‘Rino fora(tinha ido) ao quarto, pegara(tinha pegado) o revólver e disparara(tinha disparado) contra a fechadura.’] (Ammaniti, 2006, p. 4).

Em IF, existe uma preferência quase absoluta por *avere* para função lexical, ao contrário do PE e do PB, variedades em que há prevalência de *ter*. Nos dados coletados do romance *Come Dio comanda* (Ammaniti 2006), foram identificadas sete acepções distintas de *avere* em função lexical, todas

elas presentes no *Dizionario italiano De Mauro* (2000). Ei-las: (1) *dispor de, possuir* (a. algo abstrato, b. algo concreto); (2) *com objeto determinado por um complemento predicativo, indica uma condição ou qualidade particular desse objeto*; (3) *sentir*; (4) *conter*; (5) *portar algo consigo*; (6) *sofrer*; e (7) *ter alguma relação* (sentido da locução *avere a che fare*). Vale notar que apenas o primeiro sentido, “possuir”, foi arrolado por Faria em relação ao latim. Vejam-se, a seguir, alguns exemplos que ilustram esses usos de *avere*:

- (26) (...) se chiudevi gli occhi **avevi** l'impressione ti entrassero nella stanza (...) [‘(...) se fechavas os olhos, tinhas a impressão de que entrassem no teu quarto (...)’] / Al posto degli occhi **aveva** due buchi neri. [‘No lugar do olhos, ele tinha dois buracos negros.’] (Ammaniti, 2006, p. 2) — sentido de “possuir algo abstrato” e “possuir algo concreto”, respectivamente, *l'impressione* ‘a impressão’ e *due buchi neri* ‘dois buracos negros’;
- (27) **Aveva** la bocca secca e il sapore dell’aglio del pollo della rosticceria. [‘Tinha a boca seca e o sabor do alho do frango da rotisseria.’] (Ammaniti, 2006, p. 3) — com objeto [*la bocca* ‘a boca’] determinado por um complemento predicativo [*secca* ‘seca’], indica uma condição ou qualidade particular desse objeto;
- (28) Come fa a non **avere** freddo? [‘Como é que ele não sente frio?’] (Ammaniti, 2006, p. 2) — sentido de “sentir”, no caso, *freddo* ‘frio’;
- (29) Nello stomaco **aveva** una dozzina di birre, mezzo litro di grappa e una pera Williams. [‘No estômago, ele tinha uma dúzia de cervejas, meio litro de grapa e uma pera Williams.’] (Ammaniti, 2006, p. 9) — sentido de “conter”, no caso, *una dozzina di birre, mezzo litro di grappa e una pera Williams* ‘uma dúzia de cervejas, meio litro de grapa e uma pera Williams’;
- (30) **Aveva** i lampeggianti gialli e stava spalando la neve. [‘Ele tinha as lanternas amarelas e estava removendo a neve com a pá.’] (Ammaniti, 2006, p. 11) — sentido de “portar algo consigo”, no caso, *i lampeggianti gialli* ‘as lanternas amarelas’;
- (31) (...) il braccio gli tremava come se **avesse** il Parkinson. [‘O seu braço tremia como se ele tivesse Parkinson.’] (Ammaniti, 2006, p. 12) — sentido de “sofrer”, no caso, de mal de Parkinson.

Encontraram-se apenas três ocorrências do verbo *tenere*, as quais foram classificadas em três acepções distintas, quais sejam: (1) *guardar, manter*; (2) *estimar, atribuir grande importância a algo ou alguém*; e (3) *dominar* (sentido da locução *tenere sotto*). Vale notar que as três acepções estão registradas no *Dizionario italiano De Mauro* (2000) e que apenas a primeira foi também identificada por Faria (2003, p. 989) em relação ao latim clássico. Eis as

referidas ocorrências de *tenere* que representam seu uso como verbo lexical no texto de Ammaniti (2006):

- (32) *Suo padre si voltò e diede un calcio violento a una sedia di plastica bianca che rotolò per la stanza e finì contro il mucchio di scatoloni in cui Cristiano teneva i suoi panni.* [‘Seu pai se virou e deu um chute violento em uma cadeira de plástico branca que rolou pelo quarto e acabou contra a pilha de caixas nas quais Cristiano guardava as suas roupas.’] (Ammaniti, 2006, p. 3) — sentido de “guardar, manter”, no caso, *i suoi panni* ‘as suas roupas’;
- (33) *Ad Arosio ci tengo.* [‘Eu me importo com o Arosio.’] (Ammaniti, 2006, p. 14) — sentido de “estimar, atribuir grande importância a algo ou alguém”, no caso, ao personagem Arosio;
- (34) “(...) Se mi fai una stronzata, con me hai chiuso per sempre e ti **terrò** sempre **sotto** tiro. (...)” [‘(...) Se me fazes uma merda, para mim [o relacionamento] acabou para sempre e eu te mantereí sempre na mira.’] (Ammaniti, 2006, p. 3) — acompanhado da preposição *sotto* ‘sob’, apresenta o sentido de “dominar”.

Os dados coletados encontram-se classificados e quantificados na tabela que segue:

Tabela 4. Usos de *avere* e *tenere* em *Come Dio comanda* (Ammaniti 2006)

Função	<i>avere</i>		<i>tenere</i>		Total
Gramatical	68		0		68
Lexical	1a. <i>dispor de, possuir</i> (algo abstrato)	13	1. <i>guardar, manter</i>	1	32
	1b. <i>possuir</i> (algo concreto)	4			
	2. <i>com objeto determinado por um complemento predicativo, indica uma condição ou qualidade particular desse objeto</i>	6			
	3. <i>sentir</i>	1	2. <i>estimar, atribuir grande importância a algo ou alguém</i>	1	
	4. <i>conter</i>	1			
	5. <i>portar algo consigo</i>	2			
	6. <i>sofrer</i>	1			
7. <i>ter alguma relação</i> (loc. <i>avere a che fare</i>)	1	3. <i>dominar</i> (loc. <i>tenere sotto</i>)	1		
Total	97		3		100

A partir do exposto na Tabela 4, podem-se elencar as seguintes conclusões a respeito dos usos de *avere* e *tenere* no IF:

1. *tenere* ocorre exclusivamente em função gramatical e *avere* ocorre em função gramatical e em função lexical;
2. *avere* é mais frequente do que *tenere*, correspondendo a 97,0% (97/100) das ocorrências de ambos os verbos coletadas;
3. *avere* é usado prevalentemente em função gramatical: trata-se de 70,1% (68/97) do total de ocorrências desse verbo;
4. em função lexical, *avere* apresentou maior abrangência semântica do que *tenere*: as ocorrências de *avere* foram empregadas em sete acepções distintas; as de *tenere*, em três;
5. em função lexical, *avere* é usado preferencialmente com o sentido de “possuir” e pode ter como complemento “algo concreto” ou “algo abstrato”, sendo este último mais frequente, equivalendo a 76,4% (13/17) das ocorrências do verbo com o referido sentido.

6. Usos dos verbos *avé* e *tené* no NP contemporâneo

Como no IF, em NP, *avé*, continuador do verbo latino *habēre*, pode ser empregado em função gramatical ou lexical; ao passo que *tené*, continuador de *tenēre*, ocorre apenas em função lexical. Entretanto, contrariamente ao IF, o continuador de *tenēre* é que apresenta maior abrangência semântica em relação ao continuador de *habēre*.

Observem-se a seguir exemplos de *avé* como verbo gramatical retirados do *Evangelho de São Mateus* em NP:

- (35) E ssucedette, ca quanno Giesù **aveva fenuto** cheste pparole, le ggente restavano alloccute de la dottrina soja. [‘E aconteceu que, quando Jesus terminou estas palavras, a multidão ficou impressionada com a sua doutrina.’]¹² (Matteo, 7:28);
- (36) Accossì è ve dico, ca non **aggio trovata na fede accossì ggranne** mmiezo a lo popolo de Straele. [‘Assim vos digo que não encontrei uma fé tão grande em meio ao povo de Israel.’] (Matteo, 8:10);
- (37) Da ll’Eggitto **aggio chiamato lo figlio mio**. [‘Do Egito chamei o meu filho.’] (Matteo, 2:15).

12 Para as traduções do napolitano para o português, consultaram-se Giacco (2003) e De Mauro (2000).

Os exemplos (35) a (37) mostram a oscilação do grau de gramaticalização do verbo *avé* em perífrases verbais no tempo da tradução do *Evangelho de Mateus* para o napolitano, ano 1861. Segundo Rebecca Posner (1996, p. 135), o percurso de gramaticalização das formas plenas *habēre* e *tenēre* parece ter sido: “HABEO LITTERAS SCRIPTAS ‘I have (got) letters written’ > italiano: *Ho le lettere scritte* [português: *Tenho as cartas escritas*] > italiano: *Ho scritto le lettere* ‘I have written the letters’ [português: *Tenho escrito as cartas*]”. A autora esclarece que, originalmente, essa sentença poderia ser assim interpretada: as cartas que eu tenho foram escritas por outro. Em outras palavras, a forma “escritas” estaria em função adjetival, ligada ao objeto-acusativo “cartas”, não ao sujeito da sentença (1ª pessoa singular). Ainda de acordo com Posner (1996, p. 135), a gramaticalização da sequência *ter/avere* + particípio passado envolveria uma reanálise pela qual o sujeito da forma finita é necessariamente assumido como sujeito do particípio, interpretado como ativo ao invés de passivo. Sendo assim, no exemplo (35), tem-se o grau máximo de gramaticalização da sequência *avé* + particípio, já este não concorda com o objeto-acusativo, que está no feminino plural (*cheste pparole*). Em contrapartida, em (36), a forma *trovata* (feminino singular) concorda com o objeto *na fede accossi grande* (também feminino singular). Em (37), não há como assegurar a presença desse tipo de concordância, uma vez que o objeto *lo mio figlio* é masculino singular.

Em função lexical, foram reconhecidas três acepções diferentes do verbo *avé*: (1) *possuir* (algo abstrato); (2) *dever* (sentido da locução *avé a/da*); e (3) *receber*. Assim como no IF, apenas a primeira acepção foi listada por Faria (2003) em relação ao étimo latino *habēre*. Eis exemplos desses usos de *avé* no texto usado como *corpus* do NP:

- (38) *Viate a cchille, ch'anno famma, e seta de la justizia: pecchè chiste sarranno sazziate.* [‘Bem-aventurados aqueles que têm fome e sede de justiça, porque estes serão saciados.’] (Matteo, 5:6) — sentido de “possuir algo abstrato”, no caso, *famma, e seta de la justizia* ‘fome e sede de justiça’;
- (39) *Ma quanno tu faje la lemмосena, la mano manca toja non à dda sapè chello, che fa la deritta:* [‘Mas quando deres esmola, a tua mão esquerda não deve saber o que faz a direita.’] (Matteo, 6:3) / *Donca avit’ a essere astute comme a li sierpe, e nnocente comme a le ppalommelle.* [‘Portanto deveis ser astutos como as serpentes, e inocentes como as pombas.’] (Matteo, 10:16) — acompanhado das preposições *da* ou *a*, *avé* apresenta o sentido de “dever”;

- (40) Pecchè ogununo, ch'addimmana, **ave**: e chi cerca, trova e ss'arape la porta a cchi tozzoleja. ['Porque todo aquele que pede, recebe; e quem procura, encontra e se abre a porta a quem bate.'] (Matteo, 7:8) — sentido de “receber”.

As ocorrências do verbo *tené* encontradas na tradução do *Evangelho de São Mateus* para o NP foram classificadas em seis acepções, a saber: (1) *possuir* (a. algo abstrato, b. algo concreto); (2) *vestir*; (3) *segurar*; (4) *manter, conter*; (5) *estimar, respeitar, observar*; e (6) *dominar* (sentido da locução *tenere sotto*). É importante observar que os sentidos (1), (3) e (4) encontram-se entre os listados por Faria (2003, p. 989) no verbete do étimo latino *tenēre*. Os exemplos a seguir ilustram os referidos usos de *tené* no *corpus*:

- (41) E nnon ce **teneva canoscenzia** pe nzi a quanno essa figliaje lo figlio sujo, ch'era lo primmogeneto: e lle mettette nomme Giesù. ['E não tomou consciência disso até que ela deu à luz o seu filho, que era o primogênito, e lhe deu o nome de Jesus.'] (Matteo, 1:25) / Le vvorpe **teneno le ttane**, e ll'aucielle de lo cielo **teneno li nive** ['As raposas têm as tocas, e as aves do céu têm os ninhos'] (Matteo, 8:20) — sentido de “possuir algo abstrato” e “possuir algo concreto”, respectivamente, *canoscenzia* ‘consciência’ e *le ttanne (...) li nive* ‘as tocas (...) os ninhos’;
- (42) Ora sto Giovanne **teneva no vestito de pile de camelo** ['Naquele momento, este João vestia um traje de pelos de camelo'] (Matteo, 3:4) — sentido de “vestir”, no caso, *no vestito de pile de camelo* ‘um traje de pelos de camelo’;
- (43) Isso **tene la pala** mmano ['Ele tem na mão a pá'] (Matteo, 3:12) — sentido de “segurar”, no caso, *la pala* ‘a pá’;
- (44) Fattose po sera, le portajeno uomme assaje, che **tteneveno ncuorpo li diavole** ['Vinda, pois, a noite, lhe trouxeram muitos homens que tinham no corpo os diabos'] (Matteo, 8:16) — sentido de “manter, conter”;
- (45) Nisciuno pò servì a dduje patrune: pecchè o non potarrà vedè a uno, e vvorrà bbene a ll'auto: o se **tenarrà** a lo primmo, e llassarrà lo secunno. ['Ninguém pode servir a dois patrões, porque ou não poderá ver um e amarará o outro: ou respeitará o primeiro e deixará o segundo.'] (Matteo, 6:24) — sentido de “estimar, respeitar, observar”;
- (46) Pecchè io pure so nn' ommo soggetto a li cape, e **ttengo sotto** a mme li sor-date ['Porque eu também sou um homem subordinado aos comandantes, e tenho os soldados às minhas ordens'] (Matteo, 8:9) — acompanhado da preposição *sotto* ‘sob’, apresenta o sentido de “dominar”.

A tabela a seguir contém a classificação e quantificação das ocorrências de *avé* e *tené* coletadas:

Tabela 5. Usos de *avé* e *tené* em *Il vangelo di San Matteo, volgarizzato in dialetto napoletano* (1861)

Função	<i>avé</i>		<i>tené</i>		Total
Gramatical	39		0		39
Lexical	1. <i>possuir</i> (algo abstrato)	18	1a. <i>possuir</i> (algo abstrato)	2	61
			1b. <i>possuir</i> (algo concreto)	6	
	2. <i>dever</i> (sentido da loc. <i>avé a/da</i>)	15	2. <i>vestir</i>	1	
			3. <i>segurar</i>	1	
			4. <i>manter, conter</i>	6	
	3. <i>receber</i>	10	5. <i>estimar, respeitar, observar</i>	1	
6. <i>dominar</i> (loc. <i>tenere sotto</i>)			1		
Total	82		18		100

Os dados mostrados na Tabela 5 podem sustentar as seguintes conclusões sobre os usos de *avé* e *tené* no NP:

1. ***tené* é usado exclusivamente em função lexical e *avé* em função gramatical e lexical, como no IF;**
2. ***avé* é mais frequente do que *tené***, como no IF, correspondendo a 82,0% (82/100) das ocorrências de ambos os verbos coletadas;
3. ***avé* é usado prevalentemente em função lexical, diferentemente do IF: são 52,4% (43/82) do total de ocorrências desse verbo;**
4. em função lexical, *tené* apresentou maior abrangência semântica do que *avé*, ao contrário do IF: as ocorrências de *tené* foram classificadas em seis acepções distintas; as de *avé*, em três;
5. em função lexical, *avé* é usado prevalentemente com o sentido de “possuir” e só pode ter como complemento “algo abstrato”, diferentemente do IF: são 41,8% (18/43) ocorrências do verbo com esse sentido;
6. *tené* também é usado mais frequentemente com o sentido de “possuir”, acepção não encontrada para esse verbo em IF, e pode ter como complemento “algo abstrato” ou “algo concreto”, sendo este último mais frequente (já que o sentido de “possuir” com complemento abstrato parece estar coberto por *avé*), equivalendo a 75,0% (6/8) das ocorrências do verbo com esse sentido.

Com relação ao uso de *avé* em função gramatical, vale notar a presença de concordância entre o particípio passado e o objeto-acusativo em 35,9% (14/39) dos casos e a ausência dessa concordância em 7,7% (3/39) dos casos. As ocorrências restantes, 56,4% (22/39), são opacas, isto é, correspondem a situações em que o objeto-acusativo é um verbo no infinitivo, uma oração substantiva ou um sintagma nominal no masculino singular.

7. Conclusões

Ao comparar os dados do PE, do PB, do IF e do NP com os do latim clássico, é possível extrair pelo menos as duas seguintes conclusões:

1. as variedades neolatinas são inovadoras em relação ao latim clássico por:
 - apresentarem os continuadores de *habēre* e *tenēre* em função gramatical, uso não encontrado no texto representativo do latim nem no dicionário de Faria (2003);
 - mostrarem maior frequência da expressão de posse metaforizada, isto é, relacionada a complemento abstrato.¹³ Em latim, a ideia de posse está mais frequentemente associada a objeto alienável (algo concreto) — o que Mattos e Silva (1992, p. 90) identificou como AM (*cf. supra* p. 4) —, correspondendo a 60,9% (50/82) das ocorrências do sentido de “possuir”. Contudo, essa tendência não se manteve nas variedades neolatinas analisadas: em IF, *avere* tem complemento abstrato — QI ou AI, na classificação de Mattos e Silva (1992, p. 90) — em 76,5% (13/17) das ocorrências desse sentido; em NP, *avé/tené* “possuir” apresenta “algo abstrato” como complemento em 76,9% (20/26) dos casos; em PB, *ter* “possuir” se relaciona a algo abstrato em 94,7% (18/19) das ocorrências desse sentido; em PE, *ter* “possuir” se liga a complemento abstrato em 100% (14/14) dos casos.
2. PE e PB são mais inovadoras do que IF e NP em confronto com o latim clássico por:
 - apresentarem três acepções do verbo continuador de *habēre* (“existir”, “acontecer”, “fazer”) não encontradas no texto representativo do latim nem

¹³ Ao tratar da estrutura lexical do verbo *levantar*, José Teixeira (2011, p. 117) lembra que “[h] abitualmente, nas descrições linguísticas, há a tendência de considerar que o grau de desvio da prototipicidade corresponde ao grau de metaforização. Interfere neste fenómeno igualmente o desvio para a abstração: quanto mais abstrato é o objeto, mais metafórico se considera o valor do verbo.”

em Faria (2003), ao passo que IF e NP mantiveram uma das acepções latinas desse verbo, a que se refere a “possuir”;

– preferirem o continuador de *tenēre* para expressar posse. Em latim, o sentido de “possuir” é expresso por ambos os verbos, mas há notável preferência por *habēre* (82,9% (68/82) das ocorrências desse sentido); em NP, tal situação se mantém (*avé* é usado em 69,2% (18/26) e *tené* em 30,8% (8/26) das ocorrências do sentido de “possuir”), embora o verbo preferido para posse alienável seja *tené*, ao contrário do latim; em IF, a preferência pelo continuador de *habēre* se tornou absoluta; em PE e PB contemporâneos, ao contrário, apenas o continuador de *tenēre* é usado para expressão de posse.

O cotejo dos dados do PE, do PB, do IF e do NP entre si permitiu que se identificassem convergências e divergências relacionadas aos usos contemporâneos dos continuadores de *habēre* e *tenēre* nessas quatro variedades linguísticas. Elas convergem no que diz respeito ao desenvolvimento de um uso gramatical¹⁴ para os continuadores de *habēre* e por manterem o uso dos dois verbos (caso do NP) ou de um deles (caso do PE, do PB e do IF) com o valor de “possuir”, sendo esta a acepção mais frequente nas quatro variedades neolatinas. Divergem, entretanto, na escolha do verbo: em PE e PB, há uso absoluto do continuador de *tenēre* para o sentido de “possuir”; em IF, do continuador de *habēre*; em NP, há preferência pelo continuador de *habēre* quando o complemento é “algo abstrato” e pelo de *tenēre* quando é “algo concreto”. Outra divergência está no fato de apenas PE e PB usarem o continuador de *tenēre* em função gramatical.

Conforme já mencionado (*cf. supra* p. 6), na próxima fase desta pesquisa, pretende-se investigar possíveis motivações sócio-históricas para a preferência pelo continuador de *tenēre* em funções originalmente ocupadas pelo continuador de *habēre* no PE e no PB. Para isso, os resultados do estudo sincrônico aqui apresentado serão inseridos em uma perspectiva diacrônica, por meio da qual se buscará compreender como se deu o processo de invasão de *ter* no campo semântico de *haver* ao longo do tempo. Visto que tal investigação será fundamentada em documentos para os quais há proposta fidedigna de

14 Em estudo sobre a gramaticalização de *ter*, no PE e no PB, e de *avere*, no italiano, Vilaça (2009, p. 953) constatou que os itens *ter* e *avere* gramaticais passam por um processo de gramaticalização similar, possivelmente iniciado no latim. Contudo, esses itens encontram-se em estágios diferentes desse processo: no estágio mais avançado (+ gramatical), estaria o *ter* do PE, seguindo pelo *avere* e pelo *ter* do PB.

datação e localização, espera-se distinguir, além de fatores linguísticos, fatores sócio-históricos que teriam favorecido a substituição de *haver* (lexical e gramatical) por *ter* no português. Ao final, a partir dos resultados da análise de uma vultosa quantidade de dados empíricos, far-se-á uma avaliação do caminho para essa mudança apresentado por Mattos e Silva (1992).

Referências

- Ammaniti, N. (2006). *Come Dio comanda*. Milano: Arnoldo Mondadori.
- Beccaria, G. L. (1968). *Spagnolo e spagnoli in Italia: riflessi ispanici sulla lingua italiana del Cinque e del Seicento*. Torino: Giappichelli.
- Bracale, R. (2010). La nascita del dialetto/idioma napoletano. *Brigantino: il portale del Sud*. Napoli e Palermo. Consultado em Novembro 8, 2017, em <http://www.ilportaledelsud.org/napoletano.htm>.
- Caesar, C. J. (1914). *De bello Gallico*. Oxford: Thomas Rice Holmes (Org.), Clarendon Press. (Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis). Consultado em Setembro 21, 2017, em <http://data.perseus.org/texts/urn:cts:latinLit:phi0448.phi001.perseus-lat1>.
- Callou, D. & Avelar, J. (2012). Preservação e mudança na história do português: de possessivo a existencial. *Matraga*, 30, 224-234.
- Cardoso, S. A. et al. (2014). *Atlas linguístico do Brasil*. 2v. Londrina: Eduel.
- Carvalho, B. (2006). *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Croce, B. (1895). *La lingua spagnuola in Italia*. Roma: Loescher.
- De Mauro, T. (2000). *Dizionario italiano De Mauro* [computer software]. Torino: Paravia.
- Faria, E. (2003). *Dicionário latino-português*. Belo Horizonte: Livraria Garnier.
- Giacco, G. (2003). *Schedario napoletano*. Proprietà letteraria dell'autore. Consultado em Novembro 8, 2017, em <http://www.vesuvioweb.com/it/wp-content/uploads/Giuseppe-Giacco-Vocabolario-napoletano-vesuvioweb.pdf>.
- Hopper, P. & Traugott, E. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Matteo. (1861). *Il Vangelo Di San Matteo, volgarizzato in dialetto napoletano, da un letterato della città di Napoli*. Londra: Strangeways & Walden. Consultado em Novembro 1, 2017, Em <https://play.google.com/store/books/details?id=OEgRYjDC3doC&rdid=book-OEgRYjDC3doC&rdot=1>.
- Mattos e Silva, R. V. (1992). Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Revista de Estudos da Linguagem*, 1(1), 85-99.
- Mattos e Silva, R. V. (1994). Para uma caracterização do período arcaico do português. *Delta*, 10, n. Especial, 247-276.

- Meier, H. (1974). A formação da língua portuguesa. In H. Meier (Org.), *Ensaio de filologia românica I* (3ªed.) (pp. 5-34). Rio de Janeiro: Grifo. Publicação original dos ensaios: *Revista de Portugal* (Série A: *Língua Portuguesa*), 1947-1948.
- Posner, R. (1996). *The Romance Languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rohlf, G. (1969). *Grammatica Storica della Lingua Italiana e dei suoi dialetti: Sintassi e formazione delle parole*. Torino: Giulio Einaudi editore. Título original: *Historische Grammatik der Italienischen Sprache und ihrer Mundarten*. III. Syntax und Wortbildung [1954].
- Saramago, J. (2005). *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia Das Letras.
- Tagliavini, C. (1993). *Orígenes de las lenguas neolatinas*. (1ª ed., 2ª. reimpr). Madrid: Fondo de Cultura Económico. Título original: *Le origini delle lingue neolatine* [1949].
- Teixeira, J. (2011). Quando um verbo é antónimo de si mesmo: cognição e estrutura lexical de *levantar*. *Matraga*, 28, 102-128.
- Vilaça, C. E. L. (2009). Gramaticalização de 'ter', no português, e 'averé', no italiano: um estudo comparativo. In D. da Hora (Org.), *Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN* (pp. 944-953). João Pessoa: Idéia.

[recebido em 11 de novembro de 2017 e aceite para publicação em 20 de junho de 2018]